

ZIZEK, Slavoj (2016). *A Europa à deriva. A verdade sobre a crise de refugiados e o terrorismo*. Lisboa: Objectiva, 150 pp., ISBN 978-989-665-073-5.

As inúmeras interrogações que a maioria dos cidadãos do mundo, com destaque para os europeus e os africanos, têm atualmente sobre a questão dos refugiados que assolam diariamente o continente europeu tendo como porta de entrada o norte do continente africano podem encontrar respostas na presente obra de Slavoj Zizek¹, um dos filósofos europeus mais controversos da atualidade, que se propõe a uma reflexão crítica sobre aquilo que o próprio defende ser a verdade sobre a *crise de refugiados e o terrorismo*, que ameaça a Europa, continente e instituição. Com tradução de Jorge Pereira Pires, embarcamos numa viagem que visa, acima de tudo, mostrar a real causa do continente estar numa condição, considerada pelo autor de “*deriva*”, ou seja, num processo de deslocação não controlada que, a continuar, corre o risco de naufragar.

A condição de docente universitário, académico e pesquisador não coibiu o autor de contornar o formalismo académico e ortodoxo que caracteriza essas instituições, e optar por uma linguagem mais fluida, porém cuidada, de modo a que a obra possa ser lida pelo público em geral, opção que não retira a sua qualidade e cientificidade, dado o apurado trabalho de análise apresentado estar assente em bibliografia especializada. Frontal e sem rodeios, Zizek procura assim, através do presente ensaio político-ideológico, “despertar” os europeus no geral, e os líderes em particular, para o perigo da realidade que o ocidente, numa perspetiva macro, a Europa numa perspetiva meso e os europeus numa perspetiva micro, estão a viver.

O autor começa por refletir sobre o conceito de violência, estabelecendo um dualismo entre aquela que é imposta à Europa pelo extremismo islâmico, bem como pelo afluxo descontrolado de refugiados à procura da “terra prometida”, e aquela que grassa pela maioria dos países do Terceiro Mundo, no qual cita como exemplos a República Democrática do Congo (RDC), o Afeganistão, a Síria, o Iraque e o Líbano. A designação Terceiro Mundo, em detrimento de países em desenvolvimento reforça a posição do autor em relação à real situação que se vive naqueles países: pobreza, miséria extrema,

¹ Slavoj Zizek nasceu em 21 de Março de 1949. É psicanalista, filósofo, professor e investigador do Instituto de Sociologia e Filosofia da Universidade de Liubliana, na Eslovénia. É professor visitante na New School for Social Research, em Nova York. Em língua portuguesa publicou *Bem-Vindo ao Deserto do Real*, *Elogio da Intolerância*, *As Metástases do Gozo*, *A Subjectividade por Vir*, *A Monstruosidade de Cristo*, *o Sujeito Incómodo*, *Violência*, *A Europa à Deriva* para citar apenas estes.

exclusão, desigualdades, corrupção, violência..., mantendo as suas populações em condições de vida desumanas, das quais tentam escapar, em busca do “sonho europeu”.

E o que o continente, de um modo geral, tem feito, não só pela salvaguarda e garantia dos Direitos Humanos, mas sobretudo porque não sabe como lidar com a situação, é acolher esses refugiados, sem refletir e debater sobre as causas reais que levam estes imigrantes a calcorrear terra e mar em busca de um sonho que, para a maioria, não se irá realizar, resultando em sentimentos generalizados de frustração. Daí que, defende o autor, “é preciso mais do que o patético espetáculo da solidariedade de todos nós” (p. 9) para resolver o problema.

Para Zizek, a questão e o perigo não estão na imigração muçulmana ou de outra parte do mundo. O principal responsável que todos tentam acobertar é o capitalismo feroz que se apoderou dos humanos e que “triunfou em todo o planeta” (p. 23) e cuja dinâmica está a ameaçar os modos de vida na sua globalidade. Para o enfrentar, o autor defende a reinvenção do comunismo. De igual modo, identifica quatro antagonismos fortes que podem ajudar a travar a sua reprodução indefinida, nomeadamente: 1) Catástrofe ecológica; 2) Inadequação da propriedade privada para a propriedade intelectual; 3) Novos desenvolvimentos técnico-científicos; 4) Novas formas de *Apartheid*, os novos muros e bairros de lata, “o fosso que separa os excluídos dos incluídos” (p. 132). A característica dos três primeiros reside na partilha do nosso ser social “comum”: da cultura, natureza exterior, natureza interna (herança biogenética da humanidade), ou seja, questões de sobrevivência da humanidade. E é essa referência ao “comum” que justifica o ressurgimento da noção de comunismo, por se tratar de uma “questão de justiça” (p. 136).

O autor advoga que os intelectuais da esquerda têm estado à espera de um “novo agente revolucionário” (p. 136) porém, defende que apenas “a nossa livre decisão de agir contra a necessidade histórica” (p. 137), ou por outras palavras, o “puro voluntarismo”, o pode fazer. Para o efeito, “há toda uma série de tabus de esquerda que terão que ser abandonados” (p. 21) pelo continente, nomeadamente: 1) o discurso de vitimização por parte dos imigrantes; 2) o reconhecimento da responsabilidade do continente pela situação de que os refugiados tentam escapar; 3) defesa, sem imposições, do modo de vida europeu; 4) o “medo patológico” (p. 25) do islão; 5) representação dos islamitas como fanáticos irracionais pré-modernos.

Intervenientes que lidam com a questão, de uma forma geral (políticos, serviços públicos, militares, proteção civil...), têm aqui mais um leque de propostas para serem, pelo menos, debatidas, pois, ainda que pareçam utó-

picas, não deixam de ser propostas e, como todas, devem igualmente ser tidas em consideração. Em que medida estas fazem sentido ou despertam a atenção? Isso depende da própria abertura e consciência dos europeus em geral, na aceitação da sua responsabilidade para com o problema, bem como a disposição para abdicarem de certos privilégios que são sustentados em detrimento dos outros. Ao mesmo tempo, o livro ainda pode influenciar, de um modo geral, os cidadãos dos países em desenvolvimento, com destaque para aqueles mencionados na obra, de onde são originários grande parte dos refugiados, no sentido de se unirem numa espécie de luta global contra o capitalismo total, fortalecendo deste modo, as fileiras da oposição.

Face a uma situação de crise económica, de rutura social iminente, aumento do extremismo (da direita), vácuo ideológico, é preciso entender que o ocidente também tem direito a preservar os seus valores e modos de vida e a sua identidade, daí a sua preocupação para com o futuro próximo que se avizinha. O autor não é ingénuo e sabe que se não ocorrer uma união de esforços generalizada em prol de uma “luta universal” (p. 127) que se apresenta com consequências não só ideológicas, mas sobretudo económicas, sociais e políticas “então estamos realmente perdidos e merecemos estar perdidos” (p. 142). E Zizek acredita que é possível se houver “uma coordenação e organização em larga escala” (p. 122), em que os militares se apresentam como os únicos capazes de o fazer, dada a sua característica organizada e coerente de trabalhar.

Em suma, este livro oferece uma provocativa contribuição para se compreender, analisar, interpretar e apresentar possíveis propostas para a resolução da questão dos refugiados que tem afetado a sociedade europeia, sendo igualmente responsabilizada pela desordem e o caos instalado. A partir desta, outras preocupações podem igualmente ser colocadas em cima da mesa, debatidas e analisadas, tais como a situação económica e social dos países em desenvolvimento, a dependência pós-colonial destes países, as novas formas de escravatura e de *Apartheid* instaladas, a sustentabilidade do planeta, entre outras. Quer estejamos ou não de acordo com as propostas apresentadas pelo autor, podemos sempre debatê-las, argumentar e propor alternativas que nos pareçam mais viáveis e menos utópicas, mais pragmáticas e menos teóricas, e acima de tudo, sustentáveis. Uma leitura mais do que necessária na construção de novos alicerces para o futuro.

ERMELINDA LIBERATO

CEI-IUL/ISUCIC

ermelinda.liberato@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9857-4269>